



40 ANOS DE UMA PROPOSTA

Chegar à universidade é o desejo de muitos alunos. Sair de lá pronto para ser útil à sociedade não é tarefa das mais fáceis, exigindo, além da dedicação do estudante, oportunidades que possibilitem a ele executar na prática o que lhe foi ensinado nas aulas.

O sucesso do profissional dependerá de seu esforço em procurar e, caso não haja, cavar essas oportunidades. Caso o estabelecimento de ensino não promova ou ao menos incentive a busca por essas chances de aprendizado prático, a probabilidade de se ter apenas mais um ser humano com diploma universitário que pouco ou nada contribuirá para a sociedade é gigantesca.

Os poucos momentos que tive de estar próximo de uma vaca leiteira se restringiam às férias escolares no primário antigo, hoje, 1ª a 4ª série. Na época, entre os sete e dez anos de idade, passava com a família uma a duas semanas na pensão de dona Verônica, em Santa Bárbara do Rio Pardo, que passou a se chamar mais tarde Águas de Santa Bárbara, no interior de São Paulo, uma pequena cidade com um balneário de águas medicinais que fizeram muito bem ao tratamento de pele de minha mãe.

Apreciava andar e conhecer cada canto daquele lugarejo. Ficava paralisado ao ver grandes comitivas cruzando a cidade e os bois levantando aquele poeirão vermelho. Quase todos os dias, bem cedinho, ia assistir à ordenha das vacas leiteiras chifrudas que forneciam leite para os hóspedes. Subia até a última régua do curral e ficava observando o Samuel, genro da dona da pensão que, com habilidade e agilidade, enchia o balde com o leite que logo seria servido.

Muitas vezes levava o copo e tomava o leite diretamente da fábrica. Nas frias manhãs de julho, o leite quente, espumoso e de sabor adocicado era um néctar dos deuses. Este foi o contato que tive com a atividade leiteira antes de ingressar na Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, pertencente à Universidade de São Paulo, em Piracicaba-SP.

Assim como eu, muitos dos ingressantes em cursos de ciências agrárias não sabiam e, até hoje, muitos também não sabem, distinguir uma égua pampa de uma vaca da raça Holandesa da variedade vermelha e branca, frase pitoresca dita pelos professores Moacyr Corsi e Vidal Pedroso de Faria, constatando que o trabalho com os estudantes seria árduo na tentativa de lapidá-los e entregar à sociedade seres humanos capazes de transformar o mundo, não importando a dimensão do quanto isto significa.

O desejo de aprender se uniu à oportunidade quando em 1977 foi criado um tipo de estágio no departamento de Zootecnia da Esalq, que nos permitia ter contato com atividades práticas e, por fim, descobrir qual era a diferença entre aquelas duas citadas espécies de animais.

As regras para participar do estágio são apenas duas: responsabilidade e trabalho. Nenhum regulamento escrito e registrado em

cartório, valendo apenas o que fora conversado e acordado. Direitos: apenas o de desistir do estágio. Deveres: vários, como o de se dedicar integralmente ao estágio nas férias escolares, nos finais de semana ao longo do período letivo, nas horas vagas antes do início das aulas, nos intervalos entre as aulas e após o final das aulas.

Ninguém esperava por recursos vindos da USP e tampouco se reclamava de sua falta. Arregaçava-se as mangas e trabalhava-se duro. Roçadas em pastagens, limpezas de estábulos, ordenha das vacas, vacinações do gado de corte, construção de cercas fixas e eletrificadas, amostragens de solo, confecção de feno, alimentação das bezerras, pesagem dos animais, adubação dos piquetes, plantio de culturas de milho e de sorgo, capina das lavouras, adubações de cobertura nas culturas do milho ou do sorgo, ensilagem do milho ou do sorgo, manutenção de tratores e implementos agrícolas, regulação de máquinas, anotações zootécnicas, auxílio em parições problemáticas, inseminações das vacas de leite e de corte, controle de parasitos internos e externos nos animais, plantio de árvores para fornecimento de sombra aos animais e para a recomposição de mata ciliar e a construção de sombreiros artificiais eram alguns dos trabalhos executados pelos estagiários.

Em setembro de 2017 o Clube de Práticas Zootécnicas (CPZ) completou 40 anos de atividade, com a reunião ocorrida em Piracicaba, com a presença dos professores Moacyr e Vidal e de muitos ex-estagiários forjados no trabalho, no companheirismo e na amizade. Profissionais bem-sucedidos em várias áreas da economia tanto no País como no exterior. Atuando em empresas públicas, na iniciativa privada, como profissionais autônomos, todos, realizados e realizando suas atividades com o mesmo afinho do tempo em que eram estudantes. Os alunos atuais ficaram encantados com a diversidade de atividades desempenhadas pelos ex-estagiários e com o vínculo nunca esquecido com a casa mãe.

Esta oportunidade de aprendizado deveria ser regra em todas as escolas de ciências agrárias de nível técnico e nível superior no Brasil para que seres humanos que tenham potencial não sejam desperdiçados. Para que isto aconteça pouco dependerá do aluno que dispõe de autonomia limitada dentro da instituição de ensino. Está nas mãos dos professores, diretores e pesquisadores, que precisam sair da zona de conforto em que se encontram, encarar as batalhas sangrentas que virão, com recursos financeiros limitados, a legislação atual que rege os estágios e a inveja por parte dos colegas acomodados da instituição pública ou privada a que pertencem, a fim de resgatar os estudantes que tenham o algo a mais e que anseiem pela oportunidade de poder demonstrá-lo.

Professores, diretores e pesquisadores, não se curvem às dificuldades. O resgate, nem que seja de apenas uma única vida humana, será o seu maior troféu. Vão à luta!

Artur Chinelato de Camargo, engenheiro agrônomo, é pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste e membro do conselho editorial de Balde Branco; e-mail: artur.camargo@embrapa.br.

NOTA: A fazenda Capão do Cipó, localizada em Castro-PR, da Fundação ABC, polo de fundamentais pesquisas em agropecuária, invadida em 24 de agosto de 2015, infelizmente, ainda (até 30.11.2017) continua ocupada, o que é um absurdo, aguardando decisão judicial.

BALDE BRANCO

Conselho editorial

Vidal Pedroso de Faria,
Artur Chinelato de Camargo,
Paulo do Carmo Martins,
Tadashi Fujimori e
Nelson Rentero

Editor

Nelson Rentero (Reg. MTb 12.839)
rentero@uol.com.br

Diagramação e arte

Casa da Arte
cdadesign.com.br

Colaboradores

Romualdo Venâncio, Luiz H. Pitombo,
João Antonio dos Santos,
Edson Lemos, Rafael Ribeiro,
Miro Negrini, Thiago Francisco Rodrigues,
Luiza Mahia, Rubens Neiva,
Laura Santos, Lídia Grando, Lucílio Alves,
Glauco Rodrigues de Carvalho,
Nathan Fontoura,
Solidete de Fátima Paziani e
Gustavo Ribeiro

Diretoria Comercial

Marianna Correa
marianna.correa@terra.com.br
(11) 2081-2163 e (11) 9-9975-6429

Representante comercial

C. Maron Cons. e Representação
(11) 9.9634-9776

Assinaturas

Escritório central – (11) 2081-3045 – 0800-7715181
Fax (11) 2081-3144
baldebranco@baldebranco.com.br
www.baldebranco.com.br
NB Comunicação (11) 9 5271 4488
naira.barelli@baldebranco.com.br

Coordenação Administrativa

Cristiane Melo – cristiane.melo@baldebranco.com.br – (11) 2081-2579

Assistente Administrativa

Paula Nocetti – paula.nocetti@baldebranco.com.br

Impressão: Logprint Gráfica e Lógica S. A.

Edição: 21.000 exemplares

Assinatura anual: R\$ 110,00

Exemplar atrasado: R\$ 11,00

• Autorizamos a reprodução total ou parcial de nossos artigos, desde que mencionada a fonte.

Redação, administração, publicidade e assinaturas: Rua. Fernandes Sampaio, 25 – São Paulo, SP – CEP: 02041-010 – telefones: (11) 2081-3045 / 2081-2163 / 2081-2579 – fax: (11) 2081-3144.

• Os conceitos emitidos nos artigos assinados ou nos anúncios de publicidade são inteiramente de responsabilidade de seus autores, não traduzindo necessariamente a opinião da revista.

Balde Branco é uma publicação registrada no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial sob nº 006333770 de 10/86 e na Lei de Imprensa (6ª Ofício) sob nº 20963 de 12.01.90.

facebook.com/revistabaldebranco